



ISSN 1678-7730 N. 72 – FPOLIS, JULHO 2005.

BAREBACKE: ROLETA RUSSA OU A ÉTICA SADEANA?

Leandro Castro Oltramari

Editor

Profa. Dra. Luzinete Simões Minella

Conselho Editorial

Prof. Dr. Rafael Raffaelli
Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis
Profa. Dra. Júlia Silvia Guivant
Prof. Dr. Luiz Fernando Scheibe
Profa. Dra. Miriam Grossi
Prof. Dr. Selvino José Assmann

Editores Assistentes

Cláudia Hausman Silveira
José Eliézer Mikosz
Silmara Cimbalista

Secretária Executiva

Liana Bergmann

BAREBACKE: ROLETA RUSSA OU A ÉTICA SADEANA?

Leandro Castro Oltramari¹

RESUMO

O presente artigo pretende discutir a relação entre um fenômeno recente, chamado *barebacke*, que vem ocorrendo nos Estados Unidos, Europa, Austrália e também no Brasil, relacionando-o com o que chamamos de “ética sadeana”. O artigo procurou relacionar os ideais *barebacke* e os pressupostos já defendidos pelo Marquês de Sade como, por exemplo, a individualização do prazer, que pode inclusive levar à morte. Para isto foram feitos levantamentos em *sites* que divulgam ou discutem a questão *barebacke* e posteriormente, realizada uma comparação destas premissas, com o pensamento sadeano, através, principalmente, de uma de suas principais obras, “*120 dias de Sodoma*”, além de discutir com alguns de seus comentadores.

Palavras chave: barebacking, HIV, ética sadeana, Sade.

ABSTRACT

In the present article we intend to discuss the relation between *barebacke*, a recent phenomenon which is occurring in the United States, Europe, Australia and also in Brazil, and the so called ‘Sadean ethics’. We have tried to relate *barebacke* ideals and the presuppositions defended by the Marquis de Sade such as the individualization of pleasure, which may even lead to death. In order to do that first we investigated web sites that divulge or discuss the issue of *barebacke* and next we compared their premises with Sadean thoughts. This comparison was based mainly on one of Sade’s main works, ‘*120 days of Sodom*’, and also on discussions carried out with his commentators.

Key Words: barebacking, HIV, Sadean ethics, Sade.

¹ Doutorando em ciências humanas/UFSC, professor da UNISUL e da UNIVALI. e-mail: leandro@cfh.ufsc.br

INTRODUÇÃO

O *barebacke* tem sido muito difundido como uma prática de risco em saúde pública, pois incentiva a não utilização de preservativo entre pessoas desconhecidas ou mesmo com aquelas que são soropositivas. Desde 1997, a imprensa tem, com certa freqüência, divulgado a presença de pessoas que difundem a idéia da não utilização de preservativo como forma de aumentar o prazer sexual. Este movimento tem causado profunda preocupação entre profissionais de saúde, militantes de organizações de prevenção à Aids e movimentos sociais principalmente o movimento gay, por difundir uma prática que põe em risco a saúde das pessoas através da infecção pelo HIV. Isto acontece tanto com os grupos que realizam tal prática, como também com as pessoas que se relacionam com estes grupos.

Neste artigo será descrito inicialmente o que é o *barebacke*, como ocorre, quem são as pessoas adeptas de tal prática, e as controvérsias em torno do assunto. Posteriormente, serão levantados aspectos relevantes das idéias de Sade sobre a ética sadeana, o conceito de libertinagem e a importância de sua idéia do gozo da transgressão. Por último, serão relacionados aspectos da ética sadeana com as práticas *barebacke*.

APRESENTAÇÃO DO CASO DOS *BAREBACKER*²

O *barebacke* (a tradução seria algo como “cavalgar sem sela”, ou seja, colocar-se em risco) é uma atividade que consiste em relacionar-se com pessoas desconhecidas, preferencialmente com alguém que seja HIV³ soropositivo, sem o uso do preservativo. Segundo Léobon, Frigault e Levy (2003), esta prática iniciou nos EUA a partir de 1997, difundindo-se bastante na Europa, Austrália e inclusive

² *Barebacker* será o termo realizado para denominar aquele que realiza o *barebacke*.

³ O HIV (vírus da imunodeficiência humana) ataca o sistema imunológico fazendo com que o portador tenha uma série de infecções oportunistas, causando sua morte. A transmissão deste vírus se dá principalmente através de relações sexuais sem preservativo.

no Brasil. Segundo estes autores, o *barebacke* consiste em manter relações sexuais desprotegidas com pessoas de condição sorológica desconhecida, inclusive pessoas HIV positivo. As relações sexuais são realizadas principalmente através da penetração anal, tanto insertiva quanto receptiva, entre homens que fazem sexo com homens (HSH). O principal elemento nestas relações é a troca de fluídos corporais, em especial o esperma, tanto no sexo oral quanto anal. Esta troca de fluídos é o que mais importa para o *barebacker*, pois é através do sexo anal desprotegido que o risco de infecção pelo HIV se torna mais significativo.

As causas da realização de tal prática ainda são desconhecidas. Muitos autores defendem a idéia que o *barebacke* é como uma roleta russa, ou, ainda, que esta prática é uma pulsão de morte, ou uma forma de contrapor-se ao controle do desejo proposto pelo sistema de saúde (DIAS, 2003). Mallinger (2003) revela que, segundo algumas pessoas, as principais causas do *barebacke* têm sido o aumento da qualidade de vida das pessoas portadoras do HIV, ou mesmo dos doentes de Aids.

Alguns indivíduos que praticam o *barebacke* têm assumido, nos meios de comunicação, seu posicionamento favorável a tal prática. Ricardo Aguiéiras, escritor de 47 anos é *barebacke* assumido e tem sido chamado de "louco", "suicida" e "assassino", até mesmo pelos amigos. Ele revela, em uma entrevista à Alvarenga (2004), inúmeras justificativas para a não utilização do preservativo. Afirma que ainda se preocupa, e muito, com a Aids, mesmo algum tempo depois de decidir ser um *barebacker* e lançar-se em relações sem proteção em saunas, boates e *dark rooms*⁴, onde o risco de infecção pelo HIV é a principal fonte de prazer. Contudo, este prazer de relacionar-se sem preservativo, segundo Aguiéiras, é maior que o medo da morte. Defende suas idéias com argumentos como o "cansaço" das pessoas com a obrigatoriedade de realizar sexo seguro, afirmando que as pessoas têm o direito de correr os riscos que quiserem em nome do prazer, que é um direito a ser vivido individualmente. E continua: "Eu

⁴ Dark Rooms são ambientes geralmente localizados em danceterias, onde quase não há luminosidade e não se pode ver quem se encontra no ambiente e onde geralmente as pessoas procuram parceiros para ter encontro sexual sem compromisso afetivo. As relações se configuram de forma coletiva com permissão das pessoas envolvidas. Trata-se de uma forma de relação sexual anônima.

defendo o direito à liberdade, o direito das pessoas decidirem como elas querem viver ou morrer, que tem muito mais a ver com os filósofos existencialistas franceses que defendiam o suicídio”. (Alvarenga, 2004)

Agueiras diz que as campanhas nunca levam em conta a paixão e relata quanto o sexo se encontra em um nível que não é necessariamente o da razão. Ele, na referida entrevista, discorre sobre um caso que teve com uma pessoa que era um importante militante no combate a Aids que aconteceu em um encontro entre pessoas HIV positivo. Esta pessoa, devido a sua posição social e seu posicionamento político contra o relacionamento sem preservativo, ficou extremamente incomodada com o fato de ele espalhar a notícia de que os dois se relacionaram sem preservativo, ainda mais por esta pessoa ser HIV positivo. Agueiras afirma isto para denunciar a existência de uma diferença entre as políticas da razão, aquelas da saúde pública, e as da paixão ou “tesão”, que faz com que as pessoas tenham vontade de viver suas experiências sexuais com o máximo de intensidade.

Outros dados são interessantes para compreender um pouco mais sobre os *barebacker's*. Uma pesquisa realizada por Léobon, Frigault e Levy (2003) identificou que os grupos que praticam *barebacke* são homens com idades entre 30 e 40 anos, geralmente com boas condições financeiras. Estes homens realizam seus encontros em clubes de sexo ou em festas privadas, como no início da organização desta prática. Os pesquisadores também afirmaram que esta prática se coloca como um movimento de resistência às políticas de prevenção à Aids organizadas tanto pelo Estado, quanto pelo movimento gay organizado. Isto porque o que caracteriza o *barebacke* é a intencionalidade de não se proteger e nem ao parceiro, sendo uma sistematização repetitiva de se colocar em risco através de suas práticas sexuais ao se relacionarem com pessoas sem preservativo, constituindo-se dentro de um grupo e de uma cultura sexual específica.

Outro aspecto importante que os autores relatam é que a prática *barebacke* se realiza, na maioria das vezes, entre pessoas desconhecidas em saunas, bares ou festas privadas, sempre com sexo coletivo. É importante deixar claro que estas

festas têm caráter sigiloso. Foi assim que, principalmente nos Estados Unidos, esta prática se difundiu. O *barebacke*, em seu início, foi marcado por festas organizadas por pessoas que convidavam outras de condição sorológica desconhecida e que deveriam se relacionar sexualmente sem camisinha. A idéia foi disseminada a partir de então e hoje as festas são realizadas em locais privados e discretos.

Nos textos e *sites* encontrados, há relatos pouco expressivos sobre como acontece e quem são as pessoas que se envolvem em tais práticas, mas já existem pesquisas que vêm explorando esta nova forma de colocar-se em risco. Mansergh et al. (2002) relatam que os *barebacker's* são homens que fazem sexo com homens, a maior parte deles soropositivos e que se relacionam sexualmente sem preservativo porque relatam ser mais excitante e prazeroso. Da mesma forma, abandonam o condom quando estão envolvidos emocionalmente. Os pesquisadores afirmam que esta prática tem um caráter de transgressão às normas de saúde pública. Além disso, declararam que os *barebacker's* geralmente realizam sexo em grupo, sendo estimulados por álcool ou outras drogas. Fallon (2003) afirma que o *barebacke* tem ocorrido dentro de uma subcultura gay, mas que tem sido apontada pela mídia como uma campanha homofóbica contra os gays. Ele revela que, desde que o assunto foi publicizado no periódico *Newsweek*, através do artigo intitulado *A dança da Morte*, as publicações sobre o tema tem tomado ar de campanha contra o *barebacke*, mais especificamente contra os gays.

Pesquisando *sites* sobre o assunto, percebe-se que aparecem com bastante freqüência referências ao público HSH. Existem cerca de 100 *sites* dedicados a este tipo de prática, que vem crescendo constantemente na comunidade gay. Estes *sites*, com freqüência, colocam-se como facilitadores de pessoas que querem se tornar soropositivos (portador do HIV) e pessoas que são HIV positivo e querem passar o *gift* (chamado de presente pelos *barebacker's*). Existem *e-groups* como o *barebackselvagempbrasil*, mediado por Aguierras, e que já conta com mais de 700 pessoas inscritas, principalmente curiosos e estrangeiros. Existe, neste grupo, uma linguagem bastante específica, que apenas compreende quem

participa das reuniões ou do meio *barebacke*. Segundo reportagem de Alvarenga (2004), as principais expressões *barebacke* são estas:

- a) "Bug chaser" (inseto perseguidor de problemas): HIV negativo querendo ser HIV positivo;
- b) "Gift givers" (doadores de presentes): HIV positivo querendo contaminar HIV negativo;
- c) "The Gift" (o presente): o HIV;
- d) "Conversion parties" (festas de conversão): festas onde os "bug chaser" são convertidos em "gift givers";
- e) "Russian roulette parties" (festas de roleta russa): festas onde existem pessoas HIV positivo e HIV negativo;
- f) "Bug brothers" (irmãos de problemas): grupo de pessoas HIV positivo;
- g) "Charged cum ou poz cum" (ejaculação carregada): sêmem com HIV.

AS REPRESÁLIAS AO BAREBACKE

O *barebacke* tem provocado forte oposição não apenas em grupos organizados de prevenção à Aids nos Estados Unidos, como também no movimento Gay. Esta prática tem sido acusada de criminosa. Inclusive, existe um projeto de lei que foi elaborado prevendo a criminalização daquele que transmite o HIV, ou que não revela seu *status* sorológico ao parceiro. Sears (2003) afirma que a "Lei de Exposição Intencional" tem sido defendida, principalmente, por conservadores e religiosos. Esta lei foi criada, segundo este autor, porque apenas uma fração dos casos de pessoas que se infectam pelo HIV praticavam sexo intencional sem preservativo. A maioria dos casos, como afirma Sears (2003) acontecem sem o consentimento de uma das partes, ou em sexo com desconhecidos, ou ainda por meio da violência sexual.

Na Califórnia, esta lei está sendo debatida devido às situações ocorridas em outros estados, como em New York, onde um homem foi acusado de infectar cerca de 12 homens com o HIV. Segundo o autor, há, desde o início da epidemia,

300 pessoas que foram criminalmente acusadas por terem exposto outra pessoa ao HIV. Esta lei coíbe e pretende resguardar que as pessoas não venham a infectar outras, mas possui um forte componente de controle da sexualidade das pessoas.

A Lei de Exposição intencional está pautada em alguns pontos como:

1. Proibir que as pessoas exerçam sexo sem preservativo.
2. Revelar o seu estado sorológico ao parceiro.
3. Não deixar falhar o condom de forma alguma.
4. Incriminar quem tem a intenção de infectar alguém com HIV.

Estas políticas têm um caráter bastante repressivo, segundo Aguiéiras (apud Alvarenga, 2004), pois cada pessoa deve poder escolher como quer e pode viver.

Estas argumentações demonstram quanto o *barebacke* tem sido culpabilizado, tornando-se um motivo para a acusação de pessoas. A partir disto, tentaremos compreender este fenômeno a partir do pensamento do Marquês de Sade, exposto principalmente na obra “*120 dias de Sodoma*”. Entendemos ser possível esta relação já que Sade relacionou prazer e dor. Vale lembrar que o “divino marquês” como era chamado, ficou preso um terço de sua vida entre prisões e manicômios acusado de perversão⁵. Neste artigo, a relação entre a obra, com suas personagens, e os *barebacker's* é realizada na medida em que estes últimos relacionam o seu prazer com a dor de contrair o HIV, já que mantêm relações sem preservativo.

A ÉTICA SADEANA

Podemos dizer que Sade foi um homem de seu tempo. Apenas para se ter idéia, durante o reinado de Luís XV, este soberano manifestou diversos comportamentos libertinos, dedicando-se ao prazer pessoal e imediato, coisa que não era exceção para a época. Mas o que havia em Sade que o fez tão maldito?

Segundo Peixoto (1979), Sade representava a crítica sobre a repressão aos instintos vitais do homem. Não se pode esquecer que este autor tem um

⁵ Vale ler Peixoto (1979) para perceber que a perseguição à Sade foi muito mais ocasionada pelo seu posicionamento político, perseguição incitada pela sua sogra, do que algum crime profundo. Inclusive, não consta nos registros nenhum outro crime de Sade, além de ter dado moscas crisálidas para prostitutas, causando-lhes mal estar.

pensamento naturalista, principalmente focado em Espinoza (DELEUZE, 1973). Devemos citar aqui que para ele a liberdade é individual e o prazer, uma forma de alcançar o fim último do ser humano. Aponta também que este prazer deve ser buscado mesmo que custe a vida. Aqui o prazer de viver está atrelado ao prazer de morrer.

Sade era defensor maior de um individualismo que tinha na busca do prazer pessoal seu princípio maior. Por isto, pode ser considerado como um dos precursores dos estudos sobre a sexualidade, principalmente na modernidade. A partir das observações sobre o discurso de Sade acerca da sexualidade, Beauvoir (apud PEIXOTO, 1979), afirma que é possível compreender uma ética, pois existe, uma forma moral de pensar como as pessoas deveriam viver - questão esta que iremos abordar.

É importante lembrar que, neste artigo, quando nos referirmos ao Marquês de Sade estaremos falando de sua ética, tratada aqui de “ética sadeana”, principalmente pela elaboração do seu pensamento em “*120 dias de Sodoma*”. Não tratamos por “sadismo”, pois em nenhum momento o próprio autor fez essa referência, que tem uma conotação muito marcada pelo pensamento do psiquiatra Krafft-Ebing e seu *Psychopathia sexualis*, que alcunhou o termo “sadismo” como uma perversão do comportamento.

Peixoto (1979) revela que o sadismo já existia antes mesmo de Sade existir. Os rituais de tortura eram minuciosos e ricos em suplícios e sempre existiam interessados em acompanhá-los. Há relatos de pessoas que buscavam o orgasmo enquanto assistiam às torturas dos carrascos nas praças de Paris.

As idéias de Sade o levaram à internação em instituições prisionais e psiquiátricas. Em 1763, foi acusado pelo seu primeiro crime. O motivo das acusações que recaíram sobre ele foi o desprezo à religião cristã. Esse fato revela uma idéia muito enfatizada pelo autor que diz respeito à luta contra a idéia de cristianismo, defendendo a existência do prazer livre e individual, criticando a repressão da Igreja.

Sade revela em seu pensamento uma experiência moderna por excelência, pois ele, quando relata as experiências sexuais de suas personagens, descreve

de forma minuciosa o uso dos prazeres, lembrando Foucault. É através deste uso dos prazeres que ele vai produzindo sua forma de perceber o mundo, enfatizado uma ética contra a repressão que impede a realização dos instintos. É mister salientar que caracterizamos a ética sadeana não necessariamente como algo que leva ao suplício ou à morte, mas como uma ética que se endereça e procura incessantemente - e a qualquer preço - o prazer, presente na famosa obra "*120 dias de Sodoma*". Esta obra, que foi perdida por Sade na época de sua transferência, um pouco antes de iniciar a queda da Bastilha ocasionada pela Revolução Francesa, foi descoberta mais de 100 anos depois de sua morte. Mesmo sendo uma obra inacabada ela é um clássico para os estudiosos de Sade, revelando críticas e possíveis desejos que as pessoas tinham a realizar.

Podemos perceber, através de uma série de formas de relacionamentos sexuais, que esta obra é uma verdadeira enciclopédia sexual, de práticas sexuais das mais suaves às mais intensas. Nela, talvez, se possa encontrar os subsídios mais importantes para a compreensão da ética sadeana.

Em "*120 dias de Sodoma*", quatro amigos resolvem fazer orgias em um Castelo, chamado Silling. Eles são o Duque de Blangis, o bispo, que era seu irmão, Durcet e o sr Curval. Estes nobres se reúnem e escolhem 42 pessoas para levar até o distante castelo. Depois de romper todas as formas de comunicação com o castelo, começam a realizar suas orgias, sempre motivadas pelo relato de uma das quatro narradoras que eles levaram consigo. Vale ressaltar o rigor na qualidade dos procedimentos de seleção dos escolhidos para adentrarem no grupo escolhido pelos quatro senhores⁶. Os procedimentos são dignos de objetividade científica. Por exemplo, no caso das meninas, apenas poderiam ser escolhidas, aquelas que fossem selecionadas conjuntamente por todos os companheiros e isto se dava de forma imparcial. O procedimento de escolha acontecia depois de cada um ter colocado seus pareceres sobre cada uma das meninas, no interior de uma caixa, sem compartilhar seu parecer com o outro.

A vida sexual dentro do castelo era organizada, então, a partir do relato de cada uma das narradoras. Conforme os dias vão passando, cada vez com maior

⁶ Este termo é usado pelo próprio Sade nesta obra.

intensidade as práticas sexuais vão ficando cada vez mais violentas ou “libertinas”, como Sade prefere falar. No caso desta obra, é importante notar a seqüência e a rotina em que os atos acontecem. Todo o regulamento do Castelo foi expresso em longas páginas, que faz com que o leitor tenha uma idéia de como os libertinos vivem e sentem, o prazer. Vale lembrar que o esperma e o sangue são importantes fluídos que dão prazer intenso aos quatro libertinos e, no livro, a todo o momento, estes são referenciados. Em uma história, Duclós, uma das narradoras, revelou ter tido uma relação com um Padre chamado Ettiene. Ela relatava que, quando gozou, “o monstro, vencido por movimentos tão apressados, vomitou enfim toda sua raiva e (...) [a] cobriu de veneno”. (SADE, 1969, p.82) É importante perceber, nesta obra, que o esperma chamado de “veneno” pode ser a relação que existe entre relacionamento sexual e doenças sexualmente transmissíveis. Esta é uma imagem recorrente em outras de suas obras. Segundo Peixoto (1979), no livro Juliette, a personagem principal da obra obriga a própria mãe a manter relações com ela e depois obrigou que a mãe fosse possuída por um homem com sífilis. O homem com sífilis pode representar o veneno descrito por Sade, relacionando à idéia de sexo e doença com uma forma de prazer.

Outra forma especial de prazer narrado pelos libertinos trata-se da sodomia. Os libertinos relatam ser a sodomia uma fonte intensa e inigualável de prazer, tanto de forma insertiva quanto receptiva. Vale ressaltar que o sexo anal era uma forma de sexo abominada pela Igreja. O importante para o libertino é fazer sentir prazer de todas as formas possíveis, e a sodomia para Sade era uma das principais formas de transgressão das normas, por isto ela era tão admirada, já que representava a inversão da ordem reprodutiva da sexualidade. Logo, o libertino prefere a sodomia por ser esta uma prática não voltada à reprodução; ela é uma prática que transgride.

Para Deleuze (1973), por exemplo, o libertino fica excitado pela idéia do mal e não apenas pelo objeto que se apresenta. Para este autor, o que permeia a obra de Sade é a negação. A lei para Sade é de uma natureza segunda que “usurpa a autêntica soberania” (idem, p.94). Mas para Lacan (apud DELEUZE, 1972, p.92), “a lei é ao mesmo tempo que o desejo recalçado”. Para Sade, o prazer e a morte

andam de braços dados. Assim, o princípio do prazer traz consigo o princípio de morte. Existe uma íntima relação entre os dois: “O sádico encontra o prazer na dor de outrem [...]”(DELEUZE, 1972, p.129).

É importante ressaltar o que outros autores pensam a respeito da libertinagem sadeana. Para Moraes (1994) o libertino é movido a experimentar todas as formas de prazeres, mesmo que, para tanto, haja a necessidade de cometer um crime, desde que este crime esteja em um nível individual e não, por exemplo, como um dever do Estado como a pena de morte⁷. Outra questão que nos remete ao pensamento de Sade e à sua obra “*120 dias de Sodoma*” diz respeito à inviolabilidade do prazer libertino. Isto pode ser percebido pela descrição do Castelo de Silling. Na descrição do autor ele é praticamente inviolável e se constitui segundo Blanchot (apud MORAES, 1994, p.62), se constitui em uma “solidão absoluta”. Não significa estar isolado das pessoas, mas sim das regras que condicionam os relacionamentos entre elas.

A importância do ato da transgressão está relatado em Klossowski (1985), sendo “a recuperação incessante do possível, desde que o estado de coisas existente eliminou o possível de outra forma de existência. [...] *é sua própria possibilidade de transgredir o que existe*” (p.23, grifo do autor). O libertino “persegue a *execução de um gesto único; é a questão de um instante*. A existência do perverso torna-se a perpétua expectativa do *instante em que possa executar esse gesto*.” (idem, 1985, p. 25) Quer dizer que, a todo instante, o gesto da perversão é procurado pelo libertino. Ele espera que a qualquer momento possa efetivar sua ação para se encontrar nela. Por isto, a sodomia é tão valorizada por Sade, porque ela contraria o princípio de reprodução da espécie e, assim, ela é perversa. Ela é “igualmente simulacro de destruição que um sujeito sonha em exercer sobre outro do mesmo sexo por uma espécie de transgressão mútua de seus limites” (idem, 1985, p.27).

⁷ Vale lembrar que, mesmo sendo perseguido incansavelmente pela sua sogra, Sade quando pode não a condenou a morte, pois ele não concordava com esta prática.

A ÉTICA SADEANA E A PRÁTICA *BAREBACKE*: É POSSÍVEL UM DIÁLOGO?

A partir das questões levantadas, tentaremos compreender como se pode relacionar o comportamento *barebacke* com a ética sadeana. Como foi visto, uma das principais características do *barebacke* consiste em estar em risco de contrair o HIV, ou de passá-lo, para outra pessoa. Mas isto acontece de uma forma particular, geralmente organizada em festas, ou mesmo em locais apropriados, como saunas e bares.

Começaremos pela característica do local onde ocorre o *barebacke*, que geralmente é realizado em locais onde não há um acesso público. Em geral, acontece em festas privadas, organizadas por pessoas que já conhecem a modalidade da festa. Há em torno da prática *barebacke* um certo segredo, assim como acontece aos personagens de Sade, principalmente aos quatro amigos do Castelo de Silling. A descrição de Sade sobre a privacidade remete à idéia de segredo, assim como acontece no caso dos *barebacker's*. Segundo Moraes (1994), o *boudoir*⁸ é um lugar no qual o libertino se isola do mundo. O *boudoir* tem relação com a preocupação da sociedade setecentista sobre a privacidade. Assim, podemos dizer que a privacidade moderna se constitui como zonas de segredos que não existiam anteriormente, mas que, a partir de Sade, se revelaram.

Podemos identificar isto a partir da descrição de Sade sobre o extremo isolamento do Castelo de Silling. Para alcançá-lo era necessário atravessar uma região montanhosa, depois da Floresta Negra, passando por um povoado repleto de ladrões e assassinos, chegando-se, assim, a uma cadeia de montanhas à qual quase ninguém tem acesso, a não ser aqueles levados pelos libertinos ou seqüestrados para tal feito. Esta inacessibilidade também acontece com aqueles que fazem *barebacke*. O segredo das festas ou saunas é revelado pessoalmente àqueles que têm interesse em ingressar neste mundo, ou então é revelado através da internet, onde também há certa privacidade⁹. Assim, para os *barebacker's*

⁸ O *boudoir* é uma expressão que foi traduzida como “alcova” mas que consiste em uma ante-sala antes do quarto de dormir. (MORAES, 1994).

⁹ Entendemos a que, mesmo que milhares de pessoas tenham acesso a uma página ou a centenas delas, os interessados ou praticantes do *barebacke* não podem ser encontrados fisicamente, ou ainda podem ficar livres de qualquer tipo de cobrança sobre as práticas que realizam.

Silling pode ser representado pelas festas privadas, saunas ou bares ou *sites* da rede. O local deve ser privado, garantindo a discrição e a segurança das pessoas que realizam tal prática. O segredo está voltado a uma situação que revela o caráter transgressor de tal prática. A transgressão do gozo esta sendo aqui entendida como aquela que vai em direção a um risco, principalmente influenciado pelo confronto à Lei divina, tida como uma forma de controle. (LACAN 1997). Assim, “a perversão (a insubordinação das funções de viver), pelos atos que ela inspira (notadamente o ato sodomita), só tira seu valor transgressivo da *permanência das normas* (qual a *diferenciação normativa dos sexos*)”. (KLOSSOWSKI, 1985, p.22).

Para Sade, este confronto com a lei divina é colocado em questão o tempo todo. Assim como para Nietzsche (1984) Deus não existe; mais do que isto, não pode garantir nada ao ser humano, a não ser a decadência imputada a todos cristãos quando estes tiveram castrados os instintos mais viris.

A Lei divina pode ser compreendida, a partir do caso dos *barebacker's*, como sendo a Lei definidora e controladora à qual os sujeitos devem ou não se submeter. No caso da ética sadeana, o sujeito escolhe o que é necessário para a realização de seus prazeres. E isto é fundamental. Como afirmaria Lacan (1997), o que causará maior impacto para o gozo do libertino será aquilo que irá transgredir as normas que são impostas pela Igreja, no caso de Sade, pela ciência e a saúde pública, no caso dos *barebacker's*. E isto acontece especialmente devido ao individualismo sadeano, que pode ser comparado ao individualismo dos *barebacker's*. Para Sade, o que importa é a realização dos desejos, que pode, inclusive, culminar com a morte do outro, como já abordamos anteriormente. Este desejo se faz único para aquele que o procura.

O impulso do desejo pode emprestar seu caráter absoluto ao indivíduo que, por sua vez, empresta sua linguagem ao desejo sem palavra. A intenção toma emprestada do impulso sua violência, comprimida no indivíduo que a padece tanto quanto desejaria fazer outrem padecê-la (KLOSSOWSKI, 1985, p.108).

Assim, os *barebacker's* têm o desejo de se colocarem em risco e isto os expõe a lugares determinados, com pessoas que querem também se colocar em situação de contrair o HIV. Esta atitude apenas pode ser viável em uma ética individualista onde o prazer individual é o principal objetivo de uma relação sexual.

O Individualismo libertino está para Sade como está para os *barebacker's*. A busca por todos os corpos é o que faz o sujeito voltar-se o tempo todo a si mesmo. O que interessa para o libertino “[...] é a intercambialidade dos corpos – e mais: de todos os corpos do mundo, a lhe designar a especialidade de um desejo que jamais se reconhece no outro, que jamais se perde num objeto, posto que absolutamente centrado em si mesmo” (MORAES, 2000, p.22). Por isto, o sistema de Sade é individualista; assim acontece como a organização dos *barebacker's*. Neste caso, correr o risco de contrair ou infectar o outro com HIV, nada mais é do que assumir o prazer individual como motivação principal das ações do sujeito.

Nos relatos de participantes de tal prática, expostos em *sites de barebacke*, é muito referenciada, a procura de prazer das relações sem preservativos. Estas relações são privilegiadas em detrimento da prevenção. Nos relatos destes praticantes encontramos presente a mesma idéia contida em Sade. Para Moraes (2000), no pensamento de Sade há uma afirmação de que o libertino é responsável pleno pelas ações, sendo ele “[...]senhor absoluto do seu destino” (p.19). Podemos, desta forma, perceber que o sistema individualista de Sade faz com que os sujeitos se coloquem isolados da sociedade, embora interagindo com ela, mesmo que a sua margem. No caso dos *barebacker's*, parece acontecer isto também, pois o prazer que é vivenciado de forma individual, faz configurar um grupo, que chega a constituir para si uma linguagem específica, como descrito anteriormente.

Outro ponto a ser abordado sobre a relação *barebacke* e Sade diz respeito ao esperma e ao sangue. Na obra de Sade, principalmente em “*120 dias de Sodoma*”, existem dois componentes que são de fundamental importância para o autor. São quatro os ciclos de paixões descritas por Pastoreau (1969, p. XXVI) “simples, duplas, criminosas e assassinas”. Pastoreau, ao prefaciar a obra de

Sade em sua tradução ao português, ressaltou que o texto revela que nestes ciclos há uma supervalorização do sêmen e do sangue como os principais veículos para a realização do prazer. Vale ressaltar que ambos são os principais vetores de transmissão do HIV. O sêmen, pela relação sexual desprotegida, e o sangue, por transfusões ou mesmo uso de seringa contaminada.

Vamos ao que mais interessa aos *barebacker's*, o sêmen. Quando a narradora relata a primeira das paixões, que são as simples, ela descreve a importância do sêmen. Esta narradora conta diversas histórias, começando pela narrativa de sua infância, ressaltando que, desde muito nova começou a se relacionar sexualmente através de sexo oral e depois outra modalidade, quando então a ejaculação, tanto em sua boca quanto no seu corpo, era fundamental para acalmar os instintos daqueles que a pagavam.

Com os *barebacker's* acontece situação semelhante. O desejo também se sobrepõe e transgride a uma ordem que tenta, de alguma forma, controlar a sexualidade. Seria o que Foucault (1999) denomina de biopoder, compreendido com uma forma de poder que tem por objetivo controlar a morte, ou evitá-la, e só poderia ser conseguido através da tarefa de disciplinar o corpo, através da normalização de comportamentos, como um controle de polícia que influencia desde a disposição espacial da cidade até a sexualidade das pessoas. Os cuidados sobre o corpo tiveram como objetivo discipliná-lo com intuito de que este, envolvido na devassidão sexual, não fosse atingido por doenças decorrentes deste tipo de comportamento.

Podemos afirmar, portanto, que o posicionamento dos *barebacker's* não é apenas uma forma de expressar o prazer, que é individual e que depende de cada um, mas também uma forma de ultrapassar os limites impostos por um poder que tenta se impor à singularidade do sujeito.

Mesmo existindo uma proposta de ultrapassar os limites do poder, vale ressaltar que, tanto em Sade quanto no grupo dos *barebacker's*, existe um sistema hierárquico. Nas personagens de Sade, presentes na obra analisada, os quatro nobres cavalheiros libertinos são hierarquicamente superiores, àqueles outros que estão no Castelo de Silling. A estes senhores cabe o direito de deixar

viver ou deixar morrer. Ao final da obra, além dos quatro senhores apenas doze daqueles que entraram em Silling sobreviveram; os demais foram mortos através de uma série de torturas. Embora guardada as diferenças em muitas questões, pode-se afirmar que também no caso dos *barebacker's* existem hierarquias entre as pessoas, as quais ascendem conforme seu *status* sorológico. Por exemplo, como foi citado anteriormente, os *barebacker's* que possuem HIV são chamados de “gift givers”, sendo aqueles que pretendem infectar outras pessoas com o vírus. Estes “doadores de presentes”, como pode ser traduzido, possuem *status* privilegiado dentro de grupos de barebacke. Muitos homens soronegativos pretendem se tornar positivos, pois isto os qualifica perante o grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio não tem por objetivo fechar um assunto tão polêmico quanto este relativo às práticas *barebacke*, muito menos apresentar em profundidade o pensamento de Sade. Algumas questões a serem pensadas visam relacionar posições do que é denominado como *barebacke* com o que chamo de “ética sadeana”. Com ressalvas claras, tanto quanto ao período histórico de Sade ou mesmo à diversidade das obras deste o autor, vale procurar algumas semelhanças interessantes, para pensar o *barebacke* como um pensamento libertino. Ressalto que em nenhum momento a palavra libertina esteja relacionada com algo pejorativo, mas sim como um sistema de idéias e valores, como uma forma de vivenciar o mundo e a própria sexualidade. Os *barebacker's* hoje entram no debate da saúde pública como uma ameaça não somente a si próprios, mas também à coletividade. Vale dizer que isto também é verdade, mas o que os *barebacker's* nos incitam a pensar é que o componente da sexualidade não pode ser pensado sem negligenciarmos o prazer, o desejo e sua transgressão.

Sade foi um autor que, com seu pensamento, proporcionou este tipo de questionamento com toda radicalidade que lhe foi peculiar. O prazer pode levar à morte, sim! Como uma escolha de quem possui desejos e fantasias e que não

quer que estas sejam adestradas, por exemplo, pela saúde pública, como fica visível no caso dos *barebacker's*.

A relação entre a ética sadéana e a prática *barebacke* merece um aprofundamento maior, não para buscar nesta prática uma condenação, como a que foi realizada ao pensamento de Sade, mas, ao contrário, para demonstrar, mais uma vez, que a sexualidade humana talvez continue hoje tão enigmática quanto descrevia Donatien Alphonse François, o Divino Marquês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, D. "Barebacking", onda de só fazer sexo sem camisinha, chega ao Brasil.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/home/caderno/artigo/0,2945,916692,00.html>.

Acessado em 14/02/2004.

BARTHES, R. Sade, Fourier, Loiola. Lisboa: Edições 70, 1979.

DELEUZE, G. Sade/Masoch. Lisboa: Assirio & Alvim, 1973.

DIAS, L.F.M. BAREBACKING, roleta russa, resistência social ou pulsão de morte. In: Anais do 12º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social. Porto Alegre: PUCRS, 2003, CD-ROOM.

FALLON, Stephen. Barebacking is OK for some. <http://www.washblade.com/forum/030207viewpoint2.php3>. Acessado em 12/12/2003.

FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLOSSOWSKI, P. Sade, meu próximo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LACAN, J. Seminário 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LÉOBON, A.; FRIGAULT, L.R.; LEVY, J. Les usages sociosexuels d'Internet & le développement d'une culture du risque au sein de la communauté homosexuelle. <http://www.gaystudies.org/>, 2003.

MALLINGER, M. S. About anal sex, barebacking: slogans aren't enough. <http://gaytoday.badpuppy.com/garchive/viewpoint/040698vi.htm>. Acesso 15/12/2003

MANSERGH, G. et al. "Barebacking" in a diverse sample de men who have sex with men. *Epidemiology & social*. 16 (4), p. 653-659, 2002.

MORAES, E.R. Prefácio. In: SADE, M. Os crimes do amor e A arte de escrever ao gosto do público. Porto Alegre: L&PM, 2000.

_____. Sade: a felicidade libertina. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

NIETZSCHE, F.W. O anti-cristo. São Paulo: Editora São Paulo, 1984.

PASTOREAU, H. Do sado-masoquismo às filosofias da ambivalência. In: SADE, M. 120 dias de sodoma. Brasília: Coordenada – Editora de Brasília, 1969.

PEIXOTO, F. SADE: vida e obre. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SADE, M. 120 dias de sodoma. Brasília: Coordenada – Editora de Brasília, 1969.

SEARS, B. Barebacking & HIV Disclosure: What's the Law? <http://www.thebody.com/index.shtml>. Acessado em 09/12/2003